

A Gazeta

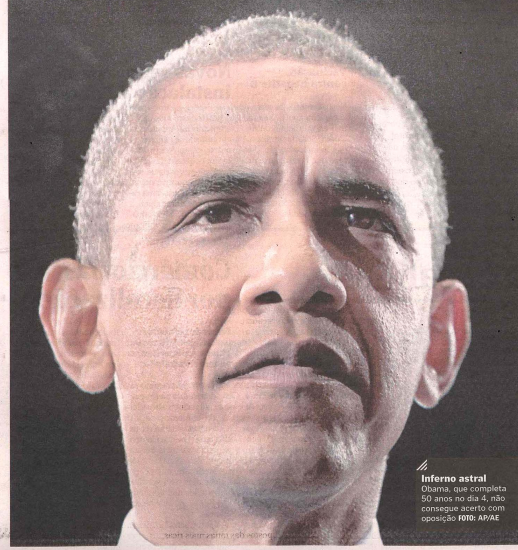
Cidades

26 de Julho de 2011, página 14 e 15

HIPERTEXTO / CALOTE AMERICANO

EU A EM CRISE DÍVIDA DE TIRAR O SONO

País pode dar calote histórico se não fechar acordo sobre elevação de teto do déficit



de ABDO FILHO
afilho@revistaepoca.com.br

A próxima terça-feira, 2 de agosto, pode entrar para a história como dia em que os Estados Unidos, maior potência econômica do planeta, deram o seu primeiro calote, algo inimaginável há poucos meses. Isso acontecerá se o presidente americano, Barack Obama, não entrar num acordo com o Congresso para elevar o teto da dívida pública, hoje em US\$ 14,3 trilhões, equivalente ao PIB de 166 países.

O calote seria um pesadelo logístico, econômico e político. O governo dos EUA seria obrigado a lançar-se num esforço de triagem para decidir quais pagamentos se disporia a fazer e quais suspender. As consequências de uma moratória nos EUA são imprevisíveis, mas os analistas apostam num terremoto de grandes proporções que prejudicaria seriamente a já frágil recuperação norte-americana e alimentaria uma forte desconfiança em uma economia global já assustada com os problemas de dívida da Europa.

Entraríamos numa nova crise de proporções mundiais. Embora seja um calote técnico (os EUA têm dinheiro para honrar uma dívida maior, só que já bateram no teto permitido por lei), é um calote. Teria desfecho que não se via pagar, as agências de risco vão rebaixar a nota dos EUA, os juros da dívida iriam subir e, como consequência, poderíamos ter uma crise de crédito. Veríamos o título da dívida norte-americana, o até agora como um ativo sem risco, ser rebaixado, e uma quebra de paradigma. O problema, é que, com Europa e Japão em crise, e com os emergentes ainda sem a maturidade ideal, não há um porto seguro no mundo", analisa Marcelo Mello, professor do Ibmec Rio de Janeiro.

CORTES

Pelas contas de analistas, o governo norte-americano teria de cortar 44% dos gastos imediatamente, além dos outros que viriam na sequência. O calote afetaria tanto credores externos quanto despesas domésticas, como o pagamento de benefícios sociais, salários de servidores.

Na realidade, os Estados Unidos atingiram seu limite legal de endividamento público no último dia 16 de maio. Desde então, o Tesouro vem adotando medidas temporárias, como a suspensão de investimentos em fundos de pensão públicos, para evitar que a dívida ultrapasse esse limite. No entanto, segundo o governo, essas medidas temporárias só conseguirão ter efeito até 2 de agosto.

ECONOMIA X POLÍTICA

Essa não é a primeira vez que Casa Branca e Congresso precisam negociar uma elevação do teto da dívida. Ao contrário de outros países, onde o endividamento aumenta automaticamente à medida que os gastos superam a arrecadação, desde 1917, a legislação americana estabelece um limite legal de endividamento.

O teto da dívida no formato atual foi estabelecido em 1939 e, desde então foi elevado cerca de 100 vezes. Na última década, com a crise econômica e as ações militares dos EUA, o Congresso já elevou o teto da dívida dez vezes.

É comum haver impasse nessas negociações, opondo democratas e republicanos, que sempre olham o debate pelo viés político, ainda mais um ano antes das eleições presidenciais, com o candidato democrata, o presidente Barack Obama,

Inferno astral
Obama, que completa 50 anos no dia 4, não consegue acordo com oposição RPT: AP/AF

UM GIANTE EM CRISE

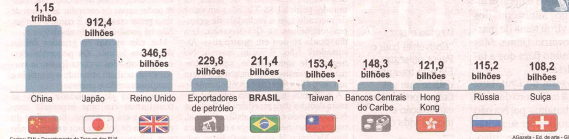
Veja a evolução da dívida dos EUA e como ela impacta outros países

Dívida bruta dos Estados Unidos
Em US\$ trilhões



Maiores credores

Em maio de 2011 - Em US\$



Fonte: Fitch IBCA/Departamento do Tesouro dos EUA

ANÁLISE

EU A preferem a possibilidade de caos

A oito dias do fim do prazo estabelecido para o default da dívida americana, os mercados demonstram uma calma compatível apenas com as apostas de que ele não virá. Mas vejamos o que pode acontecer se os mercados estiverem errados sobre o default.

Primeiro, os títulos americanos estariam carregando mais risco, perdendo valor. Daí seja, os juros pagos pelos títulos iriam aumentar puxando as taxas. O impacto de penderia das expectativas do mercado sobre o quanto de risco os títulos passariam a carregar. Isso geraria perdas para os detentores dos títulos americanos. Atitudes as instituições financeiras, o efeito dominó volta a ser uma possibilidade. Outras perguntas surgem: poderia o Banco Central americano continuar a emprestar aos bancos aceitando como colateral os títulos do Tesouro americano? Poderiam os fundos de pensão ao redor do mundo continuar a investir em títulos de governo em default? Como se vê, os efeitos contradizem com a relativa calma dos mercados. E



por que os mercados temem a Grécia default? O default americano está sendo imposto pelo Congresso, que não quer que seu governo gaste demais e envide gerações futuras. Já o default da Grécia vem do fato de que os mercados não querem mais comprar dívida grega, embora o governo grego gostaria de continuar expandindo a dívida. Ou seja, as instituições dos EUA preferem a possibilidade de caos se este for necessário para controlar o governo, já a Grécia não tem instituições para isso e evitar o caos. É daí que vem a credibilidade americana, por isso, os mercados acreditam que as instituições rejeitariam sua proposta.

— ABELSON TREKLER E CONSULTOR DO BANCO CENTRAL DOS EUA

crata divulgaram os detalhes de um plano que aumentaria o teto de endividamento e adotaria medidas para reduzir o déficit orçamentário em US\$ 2,7 trilhões ao longo dos próximos dez anos.

Segundo eles, o plano contém elementos já aprovados pela oposição. A proposta prevê redução de US\$ 1,2 trilhão nos gastos discretionários ligados ou não a programas de defesa, além de uma economia de US\$ 1 trilhão a ser gerada com a redução das operações de guerra dos EUA no Iraque e no Afeganistão.

O restante dos cortes viria de outras medidas pontuais, como reformas nas agências hipotecárias Fannie Mae e Freddie Mac. O plano do Senado não faz referência a aumentos de impostos, algo visto pelos democratas como grande concessão às exigências dos republicanos.

Seja qual for o plano, o professor Jorge Pessoa de Mendonça, do Departamento de Economia da Ufes, não vê outra alternativa fora de uma reforma da ordem monetária mundial. "Por conta de uma disputa política interna nos EUA, o mundo está hoje nesta situação. Precisamos de um regulador mundial, que esteja sendo por uma cesta de moedas fortes. Hoje, com a crise nas economias maduras e com a imaturidade dos emergentes, o mundo parece estar sem saída".

AEPO

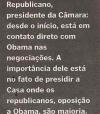
Ontem, em pronunciamento na Casa Branca, Obama fez novo apelo para um acordo e disse que a falta de um acordo que permitia elevar o teto da dívida do país traria problemas sérios à economia. "Nossa dívida vai causar problemas sérios à nossa economia". Segundo ele, o país deverá ver um crescimento do desemprego e alta nas taxas de juros. "E não teremos dinheiro para criar empregos".

Obama defendeu o plano bipartidário que vinha sendo debatido e que previa cortes de gastos do governo ao mesmo tempo em que poria fim à suspensão de impostos das famílias mais ricas.

QUEM É QUEM NA NEGOCIAÇÃO



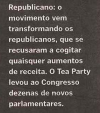
John Boehner
Repúblicano, presidente da Câmara; desde o início, está em contato direto com Obama nas negociações. A importância dele está no fato de presidir a Casa onde os republicanos, oposição de Obama, são maioria.



Nancy Pelosi
Democrata, ex-presidente da Câmara; defensora acirrada da esquerda liberal; ela já disse que não pode haver cortes de benefícios do Medicare (sistema de seguros de saúde do governo dos EUA) ou da Previdência Social.



Tea Party
Alta ultraliberalizador do Partido Republicano; o movimento vem transformando os republicanos, que se recusaram a copiar qualquer aumento de receita. O Tea Party levou ao Congresso dezenas de novos parlamentares.



Nancy Pelosi
Democrata, ex-presidente da Câmara; defensora acirrada da esquerda liberal; ela já disse que não pode haver cortes de benefícios do Medicare (sistema de seguros de saúde do governo dos EUA) ou da Previdência Social.